



Universidade de Brasília – UnB  
Centro de Formação Continuada de Professores – CFORM  
Ministério da Educação – MEC  
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEDF  
Curso de Especialização em Letramento e Práticas Interdisciplinares nos Anos  
Finais (6º ao 9º ano)

**HISTÓRIA A CÉU ABERTO:  
O estudo da História para além da sala de aula**

**Carin Helena Ferreira**

Brasília  
2015

CARIN HELENA FERREIRA

**HISTÓRIA A CÉU ABERTO:  
O estudo da História para além da sala de aula**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Letramento e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais (6º ao 9º ano) como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Letramento e Práticas Interdisciplinares.

Orientador: Prof. MSc. Cristiano de Souza Calisto.

Brasília  
2015

Universidade de Brasília – UnB  
Centro de Formação Continuada de Professores – CFORM  
Ministério da Educação – MEC  
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEDF  
Curso de Especialização em Letramento e Práticas Interdisciplinares nos Anos  
Finais (6º ao 9º ano)

CARIN HELENA FERREIRA

**HISTÓRIA A CÉU ABERTO:**

**O estudo da História para além da sala de aula**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Letramento e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais (6º ao 9º ano) como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Letramento e Práticas Interdisciplinares.

Orientador: Prof. MSc. Cristiano de Souza Calisto

Banca Examinadora:

---

Prof. MSc. Cristiano de Souza Calisto – Orientador  
UnB

---

Prof. Dr. André Lúcio Bento – Membro  
UnB

---

Profa. MSc. Olga Cristina Rocha de Freitas – Membro  
UCB

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Às minhas amadas filhas Ester e Elisa.

À minha mãe Braulina e minha irmã Diana, carinho e gratidão.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Cristiano de Souza Calisto, por acreditar no trabalho.

À professora Rosa Maria Olímpio, pelas palavras motivadoras.

Ao amigo Marcus Vinícius Costa Vianna, pelo incentivo constante

Ao amigo José Cristovão da Paixão Júnior, pelo suporte técnico na execução das atividades.

Aos seres de luz que me acompanham e protegem.

“Sem a inquietação que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”.

**Paulo Freire**

## RESUMO

Histórias são memórias e como tais encontram-se no cotidiano e no contexto de todas as pessoas, perpassam gerações e mantêm-se sempre em seu imaginário uma vez que encontram-se expostas nos livros, nas narrativas orais, nos monumentos. Enquanto raiz da história, a memória é fundamental para a formação da identidade de um povo e são construídas a partir das interações entre os homens. O entrelaçamento das memórias individuais e coletivas dão significado à vida. As comemorações e ritos traduzem a importância de presentificar o que já foi vivido, observando assim a manutenção dos costumes e tradições. Para que não se percam as memórias é que se fazem necessários os registros escritos, orais ou em edificações. O novo ensino da História evidencia a leitura de diferentes linguagens no intuito de promover maior inserção do cidadão em seu contexto social e cultural, prática que fomenta a utilização do letramento no cotidiano escolar.

**Palavras-chave:** Memória. Identidade. História. Letramento.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – À esquerda: placa alusiva ao primeiro bloco de apartamentos de Brasília, na SQS 106, bloco “D”; à direita, a referida edificação..... 26
- Figura 2 – À esquerda: Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul; à direita: Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles, na 506 Sul..... 28
- Figura 3 – À esquerda: administração do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek; à direita: Parque Ana Lúcia..... 29



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Foto do espaço público.....	29
Gráfico 2 –	Nome do homenageado no espaço público.....	30
Gráfico 3 –	Biografia do homenageado.....	31
Gráfico 4 –	Contribuição para o estudo da história.....	31

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 O ENSINO DA HISTÓRIA E SEU REVISIONISMO: UM NOVO OLHAR .....</b>	<b>11</b>
<b>2.1.1 Uma retrospectiva educacional .....</b>	<b>11</b>
<b>2.1.2 A inserção de novas linguagens.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE COMO PRODUTO SOCIAL .....</b>	<b>14</b>
<b>2.2.1 Memória enquanto raiz da História.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2.2 Memória, identidade e conservação de saberes .....</b>	<b>15</b>
<b>2.3 O SIGNIFICADO E A IMPORTÂNCIA DOS DOCUMENTOS E LETRAMENTO EM HISTÓRIA .</b>	<b>17</b>
<b>2.3.1 O mito da criação .....</b>	<b>17</b>
<b>2.3.2 O significado dos documentos para a História .....</b>	<b>20</b>
<b>2.3.3 A prática do letramento em História.....</b>	<b>21</b>
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>25</b>
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>26</b>
<b>4.1 ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>26</b>
<b>4.2 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>32</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>38</b>
<b>ANEXO A – LEI N. 4.052, DE 10 DE DEZEMBRO DE 2007.....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>41</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO À COMUNIDADE ESCOLAR DA</b>	
<b>SQS 106.....</b>	<b>42</b>
<b>APÊNDICE B – SELEÇÃO DE FOTOS PARA RECONHECIMENTO .....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada *História a céu aberto: o estudo da história para além da sala de aula*, vem refletir sobre como esta área do conhecimento pode apoderar-se de outras linguagens presentes no cotidiano para incentivar seu estudo. Assim a inserção de tecnologias e as leituras que podem ser feitas, por alunos e todos os interessados em História, destacando a importância de suas práticas e relevância de sua aplicação junto à comunidade escolar, é o ponto de diálogo neste trabalho.

A história tem nas memórias – individuais e coletivas – a raiz para sua concepção e formação, são elas que possibilitam a compreensão do homem em seu tempo, em seu contexto e tem nas tradições, costumes, rituais e comemorações a forma de transmitir e perpetuar tais memórias. Para que os fatos e feitos humanos não caiam em esquecimento, estes são eternizados em livros, músicas, museus, logradouros, monumentos, são as memórias presentes no cotidiano de cada pessoa.

A pesquisa teve por objetivo identificar o grau de conhecimento da comunidade sobre as personalidades cujos nomes encontram-se nos logradouros dos espaços públicos, assim como verificar a relação dos entrevistados com os espaços e levantar opiniões sobre o interesse do estudo da história a partir da leitura de logradouros.

Nessa perspectiva, o letramento em história, vem justificar sua importância e relevância, uma vez que promove a interação, a observação, a apreciação de elementos presentes no cotidiano e que notadamente carregam as memórias e histórias do país. A leitura fria, porém significativa, encontrada nos museus e arquivos, passa a partilhar e interagir com as homenagens, ou melhor, com a perpetuação de memória permitindo assim a humanização da história.

Refletir sobre as novas linguagens e sua inserção nas aulas de história é o que propõem o presente trabalho que busca dialogar acerca da importância da prática de leitura e da relevância junto à comunidade.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 O ensino da história e seu revisionismo: um novo olhar**

“Quando alguns conceitos irrompem com força, deslocam outros ou exigem reformulá-los”.

**Canclini Garcia**

#### **2.1.1 Uma retrospectiva educacional**

O ensino da História, ao longo dos anos, reviu as práticas e abriu um novo olhar sobre o que era ensinado nas escolas, a revisão do ensino fez-se mais discutida e sua remodelação necessária uma vez que se deve entendê-la em suas finalidades e possibilidades de transformação e não como uma história empoeirada, decorativa e desestimulante.

A introdução da História no currículo escolar aconteceu em meados do século XIX e seu ensino era baseado em matriz europeia, já nas décadas de 1930 e 1940 consolidou-se uma produção de conhecimento científico e cultura mais autônoma no país. Nas décadas seguintes o ensino da História passou por mudanças que foram desde a ruptura de seu ensino com unicamente o desenvolvimento do patriotismo e da unidade étnica, administrativa, territorial e cultural da nação, às problemáticas e temáticas de estudo, sensibilizados por questões ligadas à história social, cultural e do cotidiano (BRASIL,1998).

A transmissão e memorização de fatos históricos cederam lugar à interpretação sobre a história. Entendendo que o estudo perpassada por contextos sociais, econômicos, políticos e geográficos, e que a atuação do homem influencia e é por eles influenciado, o ensino e estudo da História foram revistos para melhor entendê-la (BRASIL, 1998).

#### **2.1.2 A inserção de novas linguagens**

Nas palavras de Elza Nadai (apud PINSKY, 2014, p. 15), “a História se apresenta, assim, como uma das disciplinas fundamentais no processo de formação de identidade comum- o cidadão nacional- destinado a continuar a obra de organização da nação brasileira”, dessa forma a interpretação dos fatos na ótica de todos os envolvidos, a revisão dos currículos com a inclusão de temas e abordagens

sociais, a utilização das várias leituras e o entendimento da importância do trabalho do professor nessas discussões, vem ao encontro com o novo ensino da História.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998, p. 58) indicam como objetivos aos alunos do ensino fundamental que estes sejam capazes de:

Utilizar as diferentes linguagens-verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal- como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação; saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos; conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país.

A interdisciplinaridade, os eixos transversais e o multiletramento vem ao encontro dos objetivos almejados aos alunos do ensino fundamental, e a todos os envolvidos no ensino da História, nesse sentido os docentes têm o desafio de incentivar o estudo da História pela leitura uma vez que neste caso “ensinar e aprender também depende, fundamentalmente, da capacidade de leitura e compreensão” (MICELI apud PINSKY, 2014, p. 43).

Nesse sentido as pesquisas de Rojo auxiliam o trabalho docente quando apresenta o multiletramento e sua importante presença na sociedade onde ressalta "a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica" (ROJO; MOURA, 2012, p. 25). Semiose refere-se ao:

[...] processo de significação e à produção de significados. A semiótica é a ciência que investiga todas as linguagens possíveis, ou seja, tem como objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentidos (ROJO; MOURA, 2012, p. 25).

Daí a inclusão de novos temas e abordagens das diversas linguagens textuais serem de grande importância e necessidade no estudo da História, a criticidade e criatividade compõem novo sentido em estudo, já não há sustentação na forma tradicional onde os alunos a entendem como “coisa velha e de pouca valia” (MICELI apud PINSKY, 2014, p. 43), pois foram levados decorar fatos, datas e heróis de um tempo passado não havendo significação, identificação com o seu tempo histórico. Não que os fatos do passado devam ser descartados ou ignorados, mas é preciso ampliar esses conhecimentos e significá-los no tempo presente e na realidade social

em que se encontra o aluno. “A História é a disciplina encarregada de situar o aluno diante das permanências e rupturas das sociedades e de sua atuação enquanto agente histórico” (NADAI; BITTENCOURT apud PINSKY, 2014, p. 96).

Mais uma vez encontramos nos PCN a atualização do ensinar e aprender História quando estabelece que

Hoje prevalece a ênfase nas relações de complementariedade, continuidade, descontinuidade, circularidade, contradição e tensão com outros fatos de uma época e de outras épocas [...]. Há a preocupação com as mudanças e/u com as permanências na vida das sociedades (BRASIL, 1998).

Daí impor-se aos educadores um desafio, ou como ressalta Miceli (apud PINSKY, 2014, p. 51), a renovação do ensino de História depende de uma prática corajosa, sendo:

[...] necessário ter coragem de superar e ignorar programas oficiais, burlar vigilâncias, criar e aceitar novos desafios e experiências. É necessário ter coragem de lutar de todas as formas para que, na voz de seus profissionais, a História ganhe respeito e importância, mesmo quando isso pareça impossível.

O aluno deve ser incentivado e para isso o professor deverá disponibilizar instrumentos que visam a auxiliar nesse processo, logo o aperfeiçoamento constante e atualização se fazem necessárias. Somado a esses fatores é fundamental que “para ensinar História, é preciso gostar de História” (MICELI apud PINSKY, 2014, p. 41).

O letramento do aluno em História se faz com a exploração dos instrumentos que lhe são familiares, *outdoors*, faixas, placas que visualiza em seu caminho para a escola, espaços públicos que frequenta, mensagens e textos da internet, que chegam pelo celular, rádio, televisão, cinema, além é claro dos jornais, fotografias e livros. Não se aprende História apenas no espaço da escola, é preciso ir além, logo cabe ao professor inserir e objetivar as leituras em seu trabalho de sala de aula. Favorecer observação do cotidiano, das muitas leituras que o aluno traz para a escola, suscitar questionamentos, promover debates, significar fatos históricos, impõem-se como tarefa do professor que assim irá desmistificar a História como unicamente conhecimento do passado.

As crenças, tradições, memórias, tem sido amplamente estudadas pelos historiadores, uma vez que permitem ao homem conhecer e se reconhecer no meio em que vive, construindo sua identidade. Nesse sentido chama atenção quando Maurice Halbwachs (apud RICOEUR, 2007) diz que “para se lembrar, precisa-se dos outros”. A História não deve ser compreendida isoladamente, nem em grupos, cidades, impérios, ela existe em conjunto e nele encontram-se inseridas as memórias individuais e coletivas.

O que está em jogo, o grande desafio, seja da historiografia, seja do ensino[...] é o fato de se identificar outros agentes sociais, que não os privilegiados tradicionalmente, como atores principais de sua própria história" logo "é nesse sentido que devem ser conduzidos e valorizados todos os debates, todas as discussões. Esse é o grande desafio a que nós professores e pesquisadores de História devemos responder (NADAI apud PINSKY, 2014, p. 34).

## **2.2 Memória e identidade como produto social**

De que há lembrança?  
De quem é a lembrança?

**Paul Ricoeur**

### **2.2.1 Memória enquanto raiz da História**

Os estudos na área da história, memória e identidade e a interligação entre elas são objetos de pesquisa entre os estudiosos e estes divergem e também mantêm ideias semelhantes quanto sua abrangência e como o homem nela se encontra. Sem a pretensão de aprofundar neste vasto campo de pesquisa, o presente capítulo abordará noções de memória e identidade com o intuito de esclarecer a importância destas para a memória cultural uma vez que esta é

[...] composta de objetivações que fornecem significados de uma forma concentrada, partilhada por um grupo de pessoas que tomam significados assumidos. [...] Eles também podem ser monumentos, tais como edifícios ou estátuas, ricas em sinais materiais, símbolos e alegorias como reservatórios de experiências memoráveis erigidos como lembretes (HELLER, 2003).

Nas palavras de Le Goff (1990 apud CANDAU, 2014, p 27) hoje os historiadores se interessam pela relação história- memória. Dessa relação pode-se estabelecer a identidade de uma nação, posto que

[...] as identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de "traços culturais" [...] mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações sociossituacionais-situações, contexto, circunstâncias- de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de "visões de mundo" identitárias ou étnicas.

A construção de nação perpassa pela memória de seu povo, porém é preciso pensar em qual memória que este mesmo povo estabelece como sua ou se estas são lembranças que foram produzidas coletivamente e que prevalecem como identidade de toda a nação. Nesse sentido, "é a memória que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade" (CANDAU, 2014, p. 16).

De acordo com Maurice Halbwachs (apud RICOEUR, 2007, p. 406), "os homens tecem suas memórias a partir das diversas formas de interação que mantêm com outros indivíduos". A memória individual revela apenas a complexidade das interações sociais vivenciadas por cada um, mas "tanto pessoal como coletiva a memória enriquece-se com o passado histórico, que se torna progressivamente o nosso" (HALBWACHSI apud RICOEUR, 2007, p. 406).

### **2.2.2 Memória, identidade e conservação de saberes**

No estudo da História é preciso observar a rede de interligações entre os fatos e aqueles que os vivenciaram e os que possuem somente a memória destes, ou seja, incorporam em suas lembranças episódios que não presenciaram mas que assimilaram de tal forma que passam a descrever como suas. Dessa perspectiva a memória coletiva é parte de experiências passadas por indivíduos que são compartilhadas coletivamente e que são transmitidas através das gerações (PEREZ; ESCALONA; VELÁSQUEZ, 2012). Ideia esta que é seguida por Xerardo Pereira quando se referindo à memória cultural, fala que "o exercício da recordação não é apenas um ato individual, mas também um processo coletivo". (Memória e projeto nacional.2007, p. 7)

A formação da identidade de uma nação advém da memória de seus habitantes e do conjunto de experiências, tradições e costumes, preservados e cultivados em uma memória cultural comum. Para Hobsbawm (1997), "os fatos que são lembrados são aqueles que tiveram importância para o grupo, permitindo-lhe consolidar a identidade, ideologia e visão de mundo". Daí inferir-se que os



homenageados com seus nomes nos espaços públicos, devem estar relacionadas com o contexto social da comunidade e com a destinação do local para que haja interação destes com o público que irá frequentá-los. A identificação do público advém da memória que terá ao perceber-se inserido na história que se pretende resgatar, consolidar, afirmar.

Com relação a tradições, no caso invenção das tradições, é interessante o estudo do historiador Hobsbawm (1997, p. 9), que afirma serem estas um conjunto de práticas que "de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado". sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado".

A identidade é formada pelas memórias, tradições, costumes, daí a necessidade de comemorações (familiares ou nacionais), dos rituais, dos símbolos, pois são nesses momentos que se encontram as histórias que envolvidas em lembranças, paixões, subjetividades dão vida ao que não mais existe, presentificando-as e comandando uma ideia de futuro. A memória é nesse sentido: "Inseparável da relação entre passado, presente e futuro [...]" e como "houve passado, presente e futuro no passado, há passado, presente e futuro no presente, haverá passado, presente e futuro no futuro" (PEREIRA apud CATROGA, 2015, p. 350).

Jacques Le Goff (1990) expõe que "o passado depende parcialmente do presente. Toda a história é contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não é só inevitável como legítimo".

Toda história é história contemporânea, afirma Croce (apud LE GOFF, 1990, p 24), que entende por isso que "por mais afastados no tempo que pareçam os acontecimentos de que trata na realidade, a história liga-se às necessidades e às situações presentes nas quais esses acontecimentos tem ressonância".

São os registros, em suas mais variadas formas, os instrumentos pelos quais a história chega a cada pessoa, trazendo à tona as memórias necessárias para sua identificação e interação. Os saberes são estabelecidos a partir da leitura que fazemos dele, portanto a fidelidade, por vezes, pode não ser a que se apresenta de fato posto que memórias são subjetivas. As falas dos entrevistados na pesquisa, indicam a veracidade das afirmativas, posto que algumas das memórias relatadas

evidenciaram emoções no tempo real de ações vividas em um passado distante provocadas pela visualização de prédios, fotos, nomes de pessoas encontrados em espaços públicos. Daí, de acordo com Waldman (apud PEREZ; ESCALONA; VELÁSQUEZ, 2012), realizar a “restauração de antigos centros urbanos [...] a popularização de escrever memórias e biografias, [...] a multiplicação de arquivos, datas e placas comemorativas, recuperação de memórias e museus regionais”, serem de grande importância para a conservação da memória cultural, que está sobremaneira ligada à identidade de um povo.

Esclarecendo a função social da história Lucien Febvre (1949 apud LE GOFF, 1990, p. 438), explica que "a história recolhe sistematicamente, classificando e agrupando fatos passados, em função das necessidades atuais [...] Organizar o passado em função do presente: assim se poderia definir a função social da história".

Assim para o entendimento da importância da leitura de nomenclaturas, presentes nas placas públicas que se encontram em várias localidades das cidades brasileiras, e seu valor para o ensino da História, é assertiva a afirmação de Paul Ricoer (2007, p. 126)

É assim que, pouco a pouco, a memória histórica se integra à memória viva. O caráter de enigma que obscurece as narrativas do passado longínquo se atenua, ao mesmo tempo em que as lacunas de nossas próprias lembranças se preenchem e sua obscuridade se dissipa. No horizonte, delineia-se o desejo de uma memória integral, reunindo memória individual, memória coletiva e memória histórica, desejo que arranca de Holbwachs essa exclamação digna de Berson (e de Freud); "Nada esquecemos".

## **2.3 O significado e a importância dos documentos e letramento em História**

Amar o que nunca se verá duas vezes

**Aristóteles**

### **2.3.1 O mito da criação**

Um paraíso em pleno cerrado, uma terra onde se jorra leite e mel. Milhares de brasileiros atendendo ao convite para a construção da capital do país, deixaram suas cidades na crença de uma esperança, na oportunidade de uma vida melhor. Na terra vermelha do planalto central ergueram a capital numa epopeia que dificilmente se verá novamente. Quem são estas pessoas? Quais suas histórias? Por que seus

nomes não se encontram expostos nos principais monumentos e praças da cidade que construíram? Cidadãos anônimos que a história deve resgatar e expor ao alcance de todos.

A cidade de Brasília, já nasceu profética e rodeada de significados, carrega em sua história sincretismos, mitos, simbolismos e modernidade. Jovem capital de traços planejados, arquitetura arrojada e um passado conhecido por poucos. Antes é interessante conhecer a origem do nome para a capital do país. Muitos já se perguntaram e muitas são as respostas, porém me reservo o direito de compartilhar da *Memória* de José Bonifácio de Andrada e Silva (SILVA, 1970, p. 26):

Parece muito útil, até necessário, que se edifique uma nova Capital do Império no interior do Brasil para assento da Côrte, que a Constituição determinar. Esta Capital poderá chamar-se Petrópolis ou Brasília.<sup>1</sup>

Contrariamente ao que narram alguns autores, São João Bosco não esteve no Brasil, porém anteviu o local da construção da futura capital do Brasil. Em sonho profético afirma que “será uma riqueza inconcebível” (SILVA, 1970, p. 34)

Brasília encanta por sua arquitetura futurista e simples, obra dos mestres Lúcio Costa, autor do plano –piloto de Brasília e Oscar Niemeyer- arquiteto. Mas a história da capital não se resume à determinação de Juscelino Kubitschek na construção da futura capital do Brasil, antes muitas outras personalidades buscaram sua concretização. Sua história nos remete ao século XVIII e transpondo inúmeras barreiras políticas, econômicas e culturais ergue-se majestosa e é orgulho para aqueles a construíram, oriundos de todo o Brasil e também do exterior.

Nas palavras do Sr. Ernesto Silva (1970, p. 8), médico e pioneiro em Brasília, “êsse o sentido da obra monumental. Êsse o mérito dos pioneiros que, com coragem e fé no empreendimento que então se iniciava, passaram por locais inteiramente desertos, abriram picadas e tomaram posse da terra há tanto tempo desejada”.

Ernesto Silva assim descreve o empreendimento da construção da capital onde ressalta que “Brasília não foi uma improvisação, mas o resultado de um amadurecimento” (p. 9) (nota de rodapé: falecimento em 3 de fevereiro de 2010. Foi secretário da Comissão de Localização da Nova Capital do Brasil (1953-1955),

---

<sup>1</sup> Leitura do escrito *Memória*, apresentado na sessão de 9 de junho de 1823 à Assembleia Constituinte e Legislativa do Brasil.

diretor da NOVACAP (1956-1961), conselheiro da Fundação Hospitalar do Distrito Federal (1960-1961).

Contemporâneo do médico pioneiro, o geógrafo Yu-Fu Tuan (1970, p. 114), ao analisar o ambiente físico de algumas cidades cita a capital e é preciso ao dizer que " a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar", assim a memória dos construtores- e aqui dou ênfase ao trabalho dos pioneiros candangos, que tem papel crucial na construção da capital- sejam estes anônimos ou não, tem enorme valia pois ao fixar raízes na capital, a definiram.

Conhecedor da história brasileira, o embaixador-agora aposentado- Meira Penna (1961 apud TUAN, 1970, p. 196) descreve assim a capital: "a Brasília futurística está plena de símbolos expressivos de um desejo comum e profundo de ordenar a terra e estabelecer um elo entre o espaço terrestre e a abóboda celeste". Não por acaso Lúcio Costa a representa em seu traçado com uma cruz, "ele escreve que fundar uma cidade "é um ato deliberado de possessão, um gesto na tradição colonial dos pioneiros, a domesticação do selvagem" (PENNA, 1961 apud TUAN, 1970, p. 197).

São tantas as histórias, maior ainda as memórias, que são desconhecidas do grande público, aquelas que escapam à historiografia oficial e nem por isso menos significativas. Por que comemoramos, por que eternizamos pessoas e fatos, quais os significados presentes em tais festas e ritos? Questões que a memória e a história respondem nas palavras de Heródoto "para que os feitos dos homens não desvançam com o tempo, nem fiquem sem renome as grandes empresas [...]" (Livro 1º, 1.1 apud CATROGA, 2015).

As histórias oficiais são amplamente divulgadas, há livros, documentários, museus e monumentos. Mas onde estão estampadas as tantas outras histórias, daqueles que fizeram nascer a capital? Há muitos registros, porém não acessíveis ao grande público, não tem seus nomes expostos pela cidade, não estão cotidianamente presentes no imaginário popular. Nesse sentido, o sentimento de pertencimento advindo dos rituais, da memória familiar, de pátria tornam-se fundamentais uma vez que as transmissões e reproduções avivam as memórias. Nessas lembranças e nas "repetições rituais (festas familiares), a conservação de saberes e símbolo (fotografias e respectivos álbuns, a casa dos pais ou dos avós, as campas e mausoléus, [...] os nomes" (CATROGA, 2015, p. 28) é que fazem surgir o sentimento de pertencimento, a identidade, a história.

### 2.3.2 O significado dos documentos para a História

O conjunto de significados, de acontecimentos e costumes dos primeiros habitantes da capital, reforçados e consolidados ao longo dos anos, é que estrutura a memória coletiva e caracteriza a identidade da cidade, é o sentimento de pertencimento expresso nas histórias e memórias que são assumidas ainda hoje pelos moradores e vem de encontro às palavras de Marc Bloch (apud LE GOFF, 1990, p. 63) onde, para este autor, a "diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita".

Os testemunhos históricos são fontes de documentação importantes para construção do conhecimento e pode-se observar o quanto as memórias fundamentam a história, perpetuam costumes imputando-lhes o pertencimento. A relação com o lugar em que se vive mantém viva a memória, através das manifestações de tradição, da linguagem, dos costumes em uma dinâmica constante onde se fundem o passado e o presente, em uma "relação entre as próprias memórias e as dos outros dentro da comunidade" (MENDONZA, 2005).

Para os estudiosos da História a origem etimológica da palavra é uma constante, pois procurar e investigar são parte inerentes desta área do conhecimento, mas onde e quais são os instrumentos sobre os quais pesquisar é também ponto de questionamento dos historiadores. Para Fustel (apud LE GOFF, 1990, p. 245), "onde o homem passou e deixou alguma marca da sua vida e inteligência, aí está a sua história". Neste ponto o teórico deixa uma lacuna, pois se entendermos por marca, algo concreto, a história estará incompleta uma vez que há inúmeras fontes não palpáveis e mesmo assim são documentos. Contrário à afirmação acima Lucien Febvre (1949)(apud LE GOFF, 1990, p. 428) afirma que

[...] a história fez-se, sem dúvida, com documentos escritos. Quando há. Mas pode e deve fazer-se sem documentos escritos, se não existirem. Em suma, com tudo o que, sendo próprio da humanidade dele depende, lhe serve, o exprime, torna significante a sua presença, atividade, gostos e maneiras de ser.

"Para impedir que não desapareça o que fazem os homens" (Heródoto) é que há um empenho em registrar, gravar, tornar memorável. "A perda de memória é, portanto, uma perda de identidade. "A necessidade de recordar é, portanto, real,

mesmo que apenas para que não nos tornemos seres "pobres e vazios" (CANDAU, 2014, p. 59, 126).

Os educadores brasileiros, foram agraciados na publicação dos PCNs (BRASIL, 1998) quando estes explicitam que as pesquisas históricas desenvolvidas a partir de diversidade de documentos e da multiplicidade de linguagens têm aberto portas para o educador explorar diferentes fontes de informação como material didático e desenvolver métodos de ensino [...]

A história é memória e esta se apropria dos documentos para eternizar ou ao menos trazer à lembrança nomes de pessoas que tiveram participação na sociedade e cujo trabalho deve ser reconhecido. De acordo com Candau (2014, p. 69):

Chamar alguém por seu nome -e mesmo escrever corretamente seu sobrenome- é lembrar-se da atribuição e do reconhecimento social de uma identidade. Igualmente, "fazer o nome" é agir para a posteridade, ter a esperança estéril de não desaparecer no esquecimento. [...] não é suficiente apenas nomear para identificar, é preciso ainda conservar a memória dessa nominação, o que é a razão de ser da memória administrativa registrada nos atos de estado civil.

### **2.3.3 A prática do letramento em História**

O estudo da história é considerado por muitos estudantes como enfadonha e velha, coisa do "passado", então é preciso que o professor utilize várias linguagens que visem aproximar e motivar os alunos. As linguagens abrangem de documentos escritos à lugares, monumentos, registros orais. A utilização das múltiplas linguagens contribuirá para despertar nos alunos o gosto pela História que passará de decorativa, livresca para cumprir sua função social, a de situar o homem no tempo.

Levando-se em consideração que aprendemos a todo momento e como seres múltiplos esses aprendizados ocorrem em várias modalidades, a utilização do letramento no ensino da história se faz mais que presente, é imprescindível para atender as demandas do homem contemporâneo. Assim Bloch (apud LE GOFF, 1990, p. 63) referenda não só a importância dos documentos, mas por extensão, as muitas leituras que deles podemos fazer, [...] "tudo que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele".

O Currículo de Educação Básica apresenta três eixos norteadores sendo o letramento um deles, SOARES (2002) assim define o letramento: " é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social" (SOARES,2002, p. 27)

A prática do letramento no ensino e estudo da história é imprescindível aos novos tempos em que as mídias estão presentes no cotidiano de todos, sobretudo dos jovens, logo não se pode abrir mão dos recursos imersos na sociedade atual, cabe então aos professores conhecer e utilizar as novas linguagens em sala de aula pois "entrava pelas portas das escolas uma nova realidade que não poderia ser mais ignorada" (BRASIL, 1998, p. 27).

Entre os objetivos para os alunos do ensino fundamental, os PCNs (BRASIL, 1998) apontam que estes devem ser capazes de "saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos", logo equipar as escolas e capacitar para sua utilização é fazer uso do letramento digital, associado às narrativas históricas orais e textuais observando-se a diversidade cultural, presente na cidade por meio de sua gente e monumentos, abrindo um campo didático rico em memórias e histórias.

Rojó (2009) afirma que "novos tempos pedem novos letramentos" e estes são exaustivamente encontrados no contexto social do aluno, que infelizmente não os encontra no espaço da escola, local a priori de produção do conhecimento. O que se questiona é o distanciamento do que é vivido pelo aluno em seu meio social e cultural e o aprendizado que recebe na escola, há uma ruptura na comunicação e integração entre estas vivências. É preciso o entendimento de que entre o saber da vida e o sistematizado, ofertado pela escola, há ligações e, ao interligarem-se possibilitam maior dinâmica na construção do conhecimento.

Não é mais possível receber o aluno como um livro em páginas brancas e tampouco ver o professor como o encarregado de preenche-lo com o saber científico, sistematizado. Buscar o encantamento do conhecimento, primar pela descoberta, tirar a história do isolamento do passado e trazê-la para o presente de cada aluno, constitui parte do trabalho do docente.

O multiletramento, nessa perspectiva, é fato, porém sua prática ainda encontra-se distanciada de nossas salas de aula e urge reavaliação dos docentes quanto a essa questão, é preciso fazer uso das diferentes linguagens para aproximar e inserir os alunos na história percebendo-a como inerente ao seu

contexto e estes como protagonistas na construção de seu conhecimento. O professor de história deve fazer com que o aluno seja "incentivado a desenvolver uma espécie de sentido histórico, para atuar no mundo em que vive" [...] deve "disponibilizar elementos que possam auxiliar esse processo de conscientização".

O letramento em História encontra na leitura de fotografias, vídeos, outdoors, bustos, monumentos, placas comemorativas, entre outros documentos e encontra consonância no registro de Le Goff (1990) quando cita que

Ao mesmo tempo ampliou-se a área dos documentos, que a história tradicional reduzia aos textos e aos produtos da arqueologia, de uma arqueologia muitas vezes separada da história. Hoje os documentos chegam a abranger a palavra, o gesto[...]

São vários os historiadores, como o professor Serge Noiret, que mantem interesse nas narrativas históricas e no modo como são construídas "em sociedades para públicos e com públicos diferentes e com tipos diferentes de fontes primárias-história ora, audiovisual, filmes, etc." [...] e "como as pessoas estão lidando com essas memórias individuais e coletivas".<sup>2</sup>

Brasília apresenta, nesse sentido, um material de trabalho que deve ser explorado pelo professor, e uma vez que vários deles fazem parte do contexto social e cultural dos alunos, poderá facilitar sua apreciação e aprendizagem. Refiro-me às placas indicativas, aos logradouros encontrados nos locais públicos e que pouco são observados por quem os frequenta. Os profissionais da educação, muitas vezes, não os percebem como uma das várias linguagens das quais podem ser utilizadas para incentivar o estudo da história. A revisão no ensino da História proporcionou a aproximação da leitura de outras linguagens e dá ênfase às questões sociais, culturais e ao cotidiano. Nesse sentido, promover o letramento em História é favorecer sua compreensão e instigar à pesquisa, fundamento básico para o conhecimento.

Nessa linha de pensamento Bortone (2014), no que tange à proficiência na leitura, ressalta que o ensino tem que ter abordagem social e "trabalhar com gêneros textuais é forma de interação". Trabalhar com diversidade de gêneros textuais, e nesse caso os logradouros apresentam-se como tal, reforça a prática do letramento.

---

<sup>2</sup> Cf. CAFÉ HISTÓRIA TV. O que é História? Serge Noiret | Instituto Universitário Europeu. In: **Youtube**, 14 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?t=2&v=exbcqRbtnJQ>>. Acesso em: 18 set. 2015.



Como vários locais são de vivência ou conhecimento dos alunos, explorá-los a partir das pessoas que são homenageadas nestes espaços, torna sua inserção mais fácil e faz com que seja superada a "passividade da sala de aula" (BORTONE, 2014).

Incentivar para o estudo da história é um dos desafios do professor, primeiro porque tem a substancial missão de mostrar aos alunos que estudar história não é decorar nomes e datas, também não é compreendê-la sob um único ponto de vista, é antes perceber que é feita por homens e nessa perspectiva é subjetiva. " A história é pública" (MOIRET, 2015) logo é permeada de memórias individuais, coletivas, culturais, as quais fazem parte do cotidiano de todos e por conseguinte estão nelas inseridos. Preservar a memória é significar e re-significar o homem, a sua história e para isso "é preciso ousar, criar, inventar, renovar, desafiar, romper com o tradicional e vivenciar outras formas de se trabalhar a leitura" (BORTONE, 2011).

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida tendo por objetivo verificar o grau de conhecimento sobre as personalidades que nomeiam espaços públicos de Brasília e sua obra e a validade para o estudo da História.

A coleta de dados foi feita por amostragem estratificada, tendo por público alvo a comunidade escolar da Superquadra Sul 106. Foram quarenta e dois entrevistados, distribuídos em segmentos de alunos (dezenove), professores (dez), servidores (cinco) e comunidade externa (oito).

Os locais selecionados para a pesquisa delimitaram-se ao espaço de vizinhança do Centro de Ensino Fundamental 01 de Brasília, localizado na Superquadra Sul 106, e também àqueles que se encontram nas rotas feitas por alunos e servidores para o local de estudo e trabalho.

Para obtenção dos dados foi aplicado questionário com sete questões fechadas e três abertas, utilizando-se dos métodos quantitativo e qualitativo.

A coleta de dados no método quantitativo foi por amostragem e os questionários foram aplicados nos locais de trabalho dos entrevistados. Para tanto utilizou-se da técnica de recurso visual para reconhecimento de foto dos espaços públicos e perguntas referentes ao nome da pessoa homenageada nesses espaços, sua biografia e a contribuição para o estudo da história.

Nas questões abertas foi utilizado o método qualitativo, uma vez que foram observadas atitudes, formas como os entrevistados se posicionam frente às questões e as relações que possuem com os espaços públicos.

A partir dos resultados da amostragem foram cruzados os dados numéricos de reconhecimento do local, do nome dos homenageados e de suas biografias para estabelecimento de conclusões acerca dos objetivos propostos.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Análise dos dados

A pesquisa realizada na comunidade escolar da Superquadra Sul 106, no período de maio a junho, envolveu alunos, professores, servidores e comunidade da quadra. As entrevistas para coleta de dados aconteceram em diferentes dias e horários, buscando dessa maneira uma diversidade de gênero, faixa etária e frequência de visita aos locais pesquisados.

A escolha do local para pesquisa deve-se ao fato de a pesquisadora trabalhar na escola da quadra. Durante a pesquisa bibliográfica, dado importante sobre a quadra foi conhecido (RAMOS, 2010).

O principal percurso começava na SQS 106, hoje aprazivelmente cercada de árvores. [...] Na época, a quadra ostentava o orgulho de ter sido ali que ficara pronto o primeiro bloco completo de apartamentos da cidade. Quase um ano antes da inauguração de abril, o edifício recebeu o número 11 mais tarde transformado na letra D (apud CATALDO; RAMOS, 2010, p. 55).



Figura 1 – À esquerda: placa alusiva ao primeiro bloco de apartamentos de Brasília, na SQS 106, bloco “D”; à direita: a referida edificação.

Fonte: Da autora.

O questionário foi bem recebido por todos os entrevistados, situação que favoreceu e reforçou a motivação para o tema pesquisado. No grupo de professores e servidores da escola observou-se que em determinados espaços públicos o

entrevistado se remetia ao passado e passava a relatar suas memórias, alguns com vivência de fatos e outros com memória coletiva dada a repercussão e divulgação do trabalho da personagem homenageada.

Alguns entrevistados compartilharam suas memórias- carregadas de sentimentos- e de forma espontânea, as expuseram. Estes momentos foram muito ricos uma vez que possibilitou o diálogo entre as leituras visuais e a história oral, o que pode ser percebido nos depoimentos:

Rita (43 anos) "Não conheço. Mas na minha família já teve gente que foi perseguida durante a ditadura. Meu tio que morava em Minas teve que fugir, ficar escondido pra não ser pego. Todo mundo ficou preocupado. Minha tia sofreu muito, chorava muito, às vezes nem sabia por onde o filho andava." (ao tomar conhecimento de um pouco da vida de Honestino Guimarães. Ao compartilhar essa memória se emocionou, chegando a chorar e desculpar-se por isso).

Kárita (22 anos)- "Que legal! Passo todo dia por ela e nunca tinha reparado! (ao saber que a Biblioteca Demonstrativa tem uma pessoa homenageada que lhe dá nome).

Diogo (61 anos): "Você sabe qual a bebida preferida do Ulysses? Não! Era o poire (poá). Sempre nos restaurantes pedia. Todo mundo já sabia. Vou mostrar aqui. ( ao reconhecer o Centro de Convenções Ulysses Guimarães e ver a foto. Para comprovar acessou a internet, pelo celular e mostrou a foto da bebida. Demonstrou entusiasmo por conhecer tal informação e repassá-la).

Um dos fatores de dificuldade para a entrevista, ocorreu junto à comunidade em razão de sua ausência na quadra, pouquíssimos moradores da quadra foram encontrados para entrevista, fato que não impossibilitou a realização da mesma uma vez que os trabalhadores da quadra se dispuseram a respondê-la.

Em conversa com os entrevistados, fugindo às questões do questionário, foi relatado que muitos moradores da quadra, por medo da violência, já não tem o hábito de ficar embaixo dos blocos e também não permitem que seus filhos o façam.

No espaço da escola Centro de Ensino Fundamental 01 de Brasília, a pesquisa foi muito bem recebida e tanto professores, quanto alunos, pais e servidores cederam em torno de quinze minutos, às vezes mais, para responder ao questionário. A ampla maioria não reside na quadra, porém estuda ou trabalha há pelo menos um ano no local.

A seleção dos espaços públicos foi por aproximação da área escolar e trajetos realizados, por alunos, professores e servidores, para chegar ao local de trabalho, a escola da 106 Sul.

O espaço público pesquisado e que se encontra mais próximo da comunidade da 106 Sul, o Espaço Cultural Renato Russo, não é frequentado por seus moradores ou por aqueles que lá trabalham. A Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles, encontra-se fechada e sem previsão de reforma ou nova abertura, fato que muitos lamentaram.



Figura 2 – À esquerda: Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul; à direita: Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles, na 506 Sul.

Fonte: Da autora.

Um dado interessante é com relação ao Parque Ana Lúcia, que remete as pessoas à uma lembrança da infância, de brincar no foguete principalmente. Porém muitos desconhecem que este parque recebe o nome de Ana Lúcia, mas tem na memória a história de sua morte trágica. Um dos entrevistados não é brasileiro e residente pouco tempo em Brasília, mas soube do caso ocorrido no ano de 1973. Quanto ao nome do Parque da Cidade alguns foram contrários pois não veem relação da pessoa –D. Sarah Kubitschek- com o local. A grande maioria desconhece as ações da D. Sarah Kubitschek, limitando-se a dizer que foi esposa do ex-presidente Juscelino.





Figura 3 – À esquerda: administração do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek; à direita: Parque Ana Lúcia.

Fonte: Da autora.

A entrevista – anexa – foi dividida em 04 (quatro) momentos principais, a saber:

- 1) observação da foto do local e reconhecimento do espaço;
- 2) conhecimento do nome da pessoa homenageada no local;
- 3) questionamento acerca do conhecimento sobre a biografia da personalidade;
- 4) colocação de nomes de pessoas em locais públicos e a validade da contribuição ao estudo da história.

A seguir, tem-se a apresentação dos gráficos para melhor compreensão.

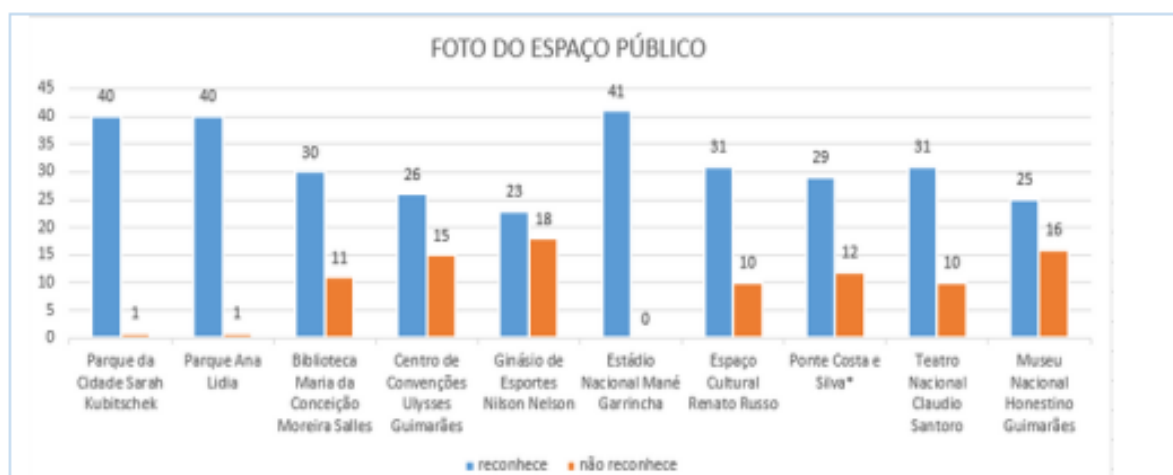


Gráfico 1 – Foto do espaço público.

Fonte: Da autora.

No primeiro momento verificou-se que os entrevistados reconhecem a foto do local, seja por frequentá-lo, ser parte do caminho para o trabalho ou ter visto na televisão. Excetuando o Ginásio de Esporte e Museu Nacional, todos os outros locais apresentam larga margem de conhecimento visual por parte dos entrevistados.

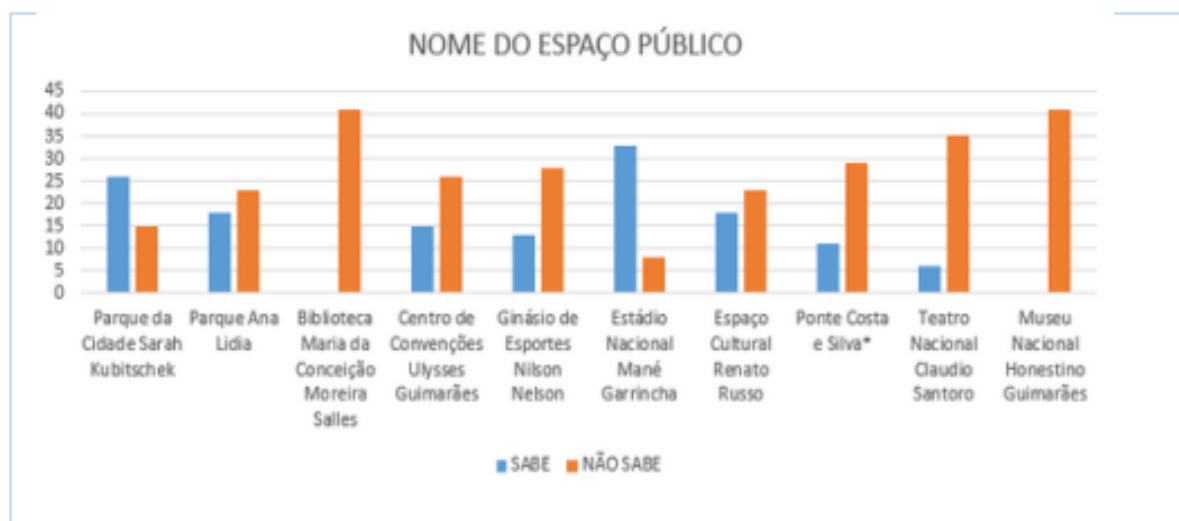


Gráfico 2 – Nome do homenageado no espaço público.

Fonte: Da autora.

No segundo momento ao serem perguntados sobre o nome da pessoa homenageada no local da foto, verificou-se que há uma inversão do gráfico. Mesmo aqueles locais que são de conhecimento geral dos entrevistados (gráfico 1), não tem correspondência no conhecimento quanto aos homenageados.

Verificou-se também que entre estes, dois locais, a Biblioteca Demonstrativa e o Museu Nacional não tem nenhum conhecimento de qual pessoa recebe a homenagem. Os dois locais onde o nome das personagens homenageadas são mais lembradas pelos entrevistados, são o Parque da Cidade e o Estádio Nacional.

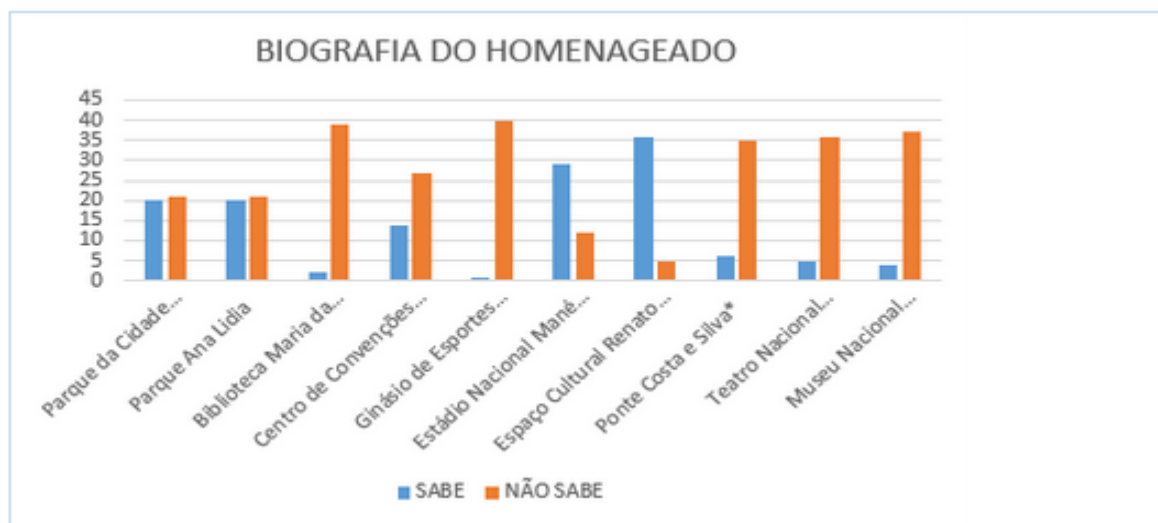


Gráfico 3 – Biografia do homenageado.

Fonte: Da autora.

O gráfico 3 apresenta dados equivalentes ao coletado na etapa anterior, inferindo que a ampla maioria desconhece a atuação da pessoa homenageada. Alguns chegam a ser desconhecidos da quase totalidade dos entrevistados.

De acordo com alguns entrevistados, estes não percebem a relação entre o lugar e a pessoa homenageada, entre os locais mais citados estão o Parque da Cidade D. Sarah Kubitschek, o Museu Nacional Honestino Guimarães e a Ponte Costa e Silva.



Gráfico 4 – Contribuição para o estudo da história.

Fonte: Da autora.



O gráfico 4 traz a indicação, da ampla maioria dos entrevistados, de que nomear espaços públicos com nomes de personalidades, incentivam o estudo da História.

## **4.2 Discussão dos resultados**

A partir dos dados coletados infere-se que a comunidade reconhece os prédios porém não identifica as personalidades que foram homenageadas e cujos nomes encontram-se nas placas indicativas dos monumentos. A quase totalidade dos entrevistados desconhece a lei que dispõe sobre denominação de logradouros. (nota de rodapé. Lei nº 4.052, de 10 de dezembro de 2007, dispõe sobre a denominação de logradouros, vias, próprios, monumentos públicos, núcleos urbanos e rurais, regiões administrativas e bairros, no âmbito do Distrito Federal)

Apesar de muitos desconhecerem o fato de haver homenagens, reconhecem que a leitura de nomenclaturas em logradouros, contribuem para o incentivo no estudo da História. Vários disseram não frequentar alguns dos espaços mostrados, enquanto um pequeno grupo apesar de frequentar alguns locais disse não haver percebido placas explicativas com a obra da pessoa homenageada. Pontuaram também que nem no interior dos espaços encontram referência às pessoas homenageadas, seja uma foto ou nota explicativa.

Com relação à validade da homenagem prestada às personalidades, vários entrevistados disseram que por desconhecer suas biografias não era possível determinar sua validade ou se o espaço faz jus ao homenageado.

Os entrevistados apresentam identificação com o lugar e não com a pessoa homenageada, em sua ampla maioria. Fator este que não invalida o estudo da história com o conhecimento biográfico das pessoas homenageadas, conforme dados do gráfico 4. É preciso pensar em ações que possam favorecer a integração entre os locais e as pessoas a serem homenageadas. Um dos pontos de partida pode ser a ampla divulgação da referida lei sobre a denominação de logradouros e que apesar de seu artigo 5º condicionar à realização de audiência pública prévia, esta não é de conhecimento geral, não há participação da população na escolha dos nomes ou na mudança destes.

Os dados apontam que o desconhecimento se dá sobretudo pela não identificação com as personalidades tornando evidente que somente aquelas de projeção nacional na mídia é que são, de fato, lembradas pelos entrevistados. A falta de divulgação, importância para a cidade e participação popular na escolha dos nomes são fatores possíveis para o desconhecimento e empatia por parte dos entrevistados. Foi possível também verificar que o desconhecimento independe da faixa etária ou ocupação.

Os dados coletados mostram que a maior parte dos entrevistados acredita que colocar nomes de personalidades em espaços públicos contribui para o interesse no estudo da história, nesse sentido é importante que o profissional de ensino esteja atento às novas linguagens presentes no cotidiano dos alunos e as utilize em sala de aula, abrindo dessa forma espaço para a prática do letramento.

Ensinar e estudar história com a prática do letramento, poderá desmitificá-la como decorativa, desinteressante onde só se estuda "coisa velha", como relatam alguns alunos. Decorar nomes e datas descontextualizadas das questões sociais e culturais e políticas, não favorece o estudo da história é preciso que o aluno seja imerso no fato histórico para identificar-se com ele. Daí a importância da utilização de outros signos como logradouros, placas, áudios, bustos, significando e contextualizando-os no tempo histórico.

Nessa perspectiva são significativos os estudos de José Veríssimo que apontam "para a necessidade de se ensinar a História da pátria em todos os momentos e espaços utilizando-se de outros signos" (BITTENCOUT apud PINSKY, 2014, p. 59). Especificamente na pesquisa utilizou-se de logradouros e fotos para verificação do conhecimento sobre personalidades e sua atuação da História da cidade e do Brasil. As respostas dos entrevistados corroboram com a afirmativa, conforme apresentado no gráfico 4.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com o ensino da História é sobretudo estar aberto às possibilidades de estudo e reflexão que se apresentam a todo instante e permeiam o cotidiano de todos. A História é o estudo do homem no tempo, é pública, encontra-se na memória de cada pessoa e a partir delas é que são possíveis formar a identidade de um povo. É construída dos costumes, tradições, das memórias coletivas e individuais, das narrativas, constituindo objeto de interesse dos historiadores e levando a constantes revisões dos programas escolares.

Com o pressuposto que a História é constituída das inter-relações e da relação entre o presente e o passado, a memória torna-se fundamental para tecer os fios que os ligam e atribui-lhes significado, contribuindo assim com sua função social. Segundo Bakhtin "nosso pensamento é construído dentro do social. O agente não é livre para construí-lo, desvinculado de um contexto histórico-social" (apud RIBEIRO; OLÍMPIO, 2015). Sobre a importância do significado, Le Goff (1960) afirma que a "significação em história é essencialmente contextual, assim tudo o que diz respeito ao homem, tudo onde se pode encontrar informações sobre sua ação, é significativo para a história".

Se antes a pesquisa do historiador tinha por base a documentação escrita, agora a investigação histórica apodera-se das novas linguagens visuais e virtuais para buscar a aproximação com o contexto sócio-cultural dos seus protagonistas. As escolas e os envolvidos no processo educacional devem incorporar estes novos instrumentos pois "o objetivo principal da escola é possibilitar que os alunos participem de várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita" (ROJO, 2009), visando seu interesse e prazer pela leitura e consequentemente pela história.

A abordagem dos diversos gêneros textuais, ou seja, "a percepção de outras linguagens (imagem, sons, diagramas, gráficos, mapas) [...] e não somente a linguagem verbal escrita (ROJO, 2009) devem ser o novo olhar dos professores sobre suas aulas e mais enfaticamente ao docente da área de história. É importante que a aprendizagem seja favorecida por meio da imersão do aluno na história e nessa relação o auxílio do professor é fundamental pois promoverá as pistas no cotidiano do aluno, em sua família, no lugar onde mora, no caminho para a escola, nos locais por ele frequentado. A escola representa nesse momento o espaço para a aglutinação de saberes onde as informações são socializadas, ganham contexto,

aprofundam e interagem as aprendizagens. O sentimento de pertencimento fica assim, mais claramente perceptível tornando o diálogo no tempo histórico, vivo, dinâmico, participativo, interiorizado simbolicamente no passado e atuante no presente com um vislumbrar no futuro. Nessa perspectiva a valorização das memórias impõem-se como fator constante de estudo, reflexão e socialização, tornando a história mais acessível.

Em Brasília, o contato diário com a história através da leitura de nomes de pessoas encontrados em vários espaços públicos, tais como: praças, museus, edifícios, promove a leitura de logradouros permite que os alunos vejam a história não somente como passado, mas, sobretudo, como um presente vivido cotidianamente, uma vez que estes frequentam tais espaços, as memórias contidas nestes lugares fazem parte do contexto social e cultural da população. O letramento em história fornecerá o envolvimento emocional com o lugar estabelecendo a apropriação necessária para fomentar o interesse na busca pelos fatos seja nas memórias (imbuídas de subjetividades, paixões) ou na historiografia (significados que podem ser experienciados).

Depreende-se da análise dos dados que, o profissional da área de História, encontra na prática do letramento, mais um instrumento para despertar e letrar o aluno nesta área do conhecimento, sendo a leitura de logradouros um fio condutor para a pesquisa histórica. Os dados certificam os objetivos propostos, uma vez que evidenciam o desconhecimento- por parte da comunidade pesquisada- sobre as personalidades homenageadas nos espaços público, fato este que é favorecido pela distante relação entre os entrevistados e os homenageados.

A pesquisa constata que os entrevistados entendem que a leitura de nomes de personalidades nos espaços públicos, gera interesse no estudo da história, corroborada, na pesquisa, pelas memórias relatadas. O interesse demonstrado e comprovado pelos dados coletados, encontra sua validade e importância junto aos docentes e estudiosos do estudo da História e em especial na prática do letramento.

A utilização das novas linguagens na prática do letramento, o gostar da história, e a valorização das memórias orais e escritas, são as evidências observadas na pesquisa e que traduzem o novo olhar sobre o estudo e ensino da história, possibilitando “graças à alquimia das palavras, dos gestos, das imagens ou monumentos- [...] a transformação do nada em algo ou em alguém, do vazio num reino” (URBAIN apud CATROGA, 2014, p. 62).

## REFERÊNCIAS

BORTONE, Marcia Elizabeth. **A abordagem dos gêneros como estratégia para a leitura proeficiente**. Universidade Estadual de Mato Grosso, Sinop, 2014.

Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=Cw\\_fgvLVOPI](http://www.youtube.com/watch?v=Cw_fgvLVOPI)>. Acesso em: 02 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. A aventura da intertextualidade. **Revista Panorâmica Multidisciplinar**, Barra do Garças, n. 12, p. 61-77, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAFÉ HISTÓRIA TV. O que é História? Serge Noiret | Instituto Universitário Europeu. In: **Youtube**, 14 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?t=2&v=exbcqRbtnJQ>>. Acesso em: 18 set. 2015.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

CATALDO, Beth; RAMOS, Graça. **Brasília aos 50 anos. Que cidade é essa?** Brasília: Tema Editorial, 2010.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

HELLER, Agnes. Memoria cultural, identidad y sociedad civil. **Investigação**, v. 1, p. 5-17, 2003. Disponível em:

<<http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Heller,%20Agnes/Heller,%20Agnes%20-%20Memoria%20cultural,%20identidad%20y%20sociedad%20civil.pdf>>.

Acesso em: 02 nov. 2015.

HOBSBAWN, Eric. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LE GOFF, Jacques (1924). **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. Coleção Repertórios. Disponível em:

<[HTTP://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/História-e-Memória.pdf](http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/História-e-Memória.pdf)>. Acesso em: 02 nov. 2015.

PEREZ, Medina; ESCALONA, M.; VELÁSQUEZ, A. A memória cultural como símbolo da preservação da identidade social. **Contribuições para Ciências Sociais**, 2012.

PINSKY, Jaime. **O ensino da História e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 2014.

RIBEIRO, Ormezinda Maria; OLÍMPIO, Rosa Maria. **Tecer fios e desafios**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

RICOEUR, Paul. **A memória, a História e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SILVA, Ernesto. **História de Brasília**. Brasília: Coordenada – Editora de Brasília LTDA, 1970.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

## ANEXO

**ANEXO A – Lei n. 4.052, de 10 de dezembro de 2007**

LEI Nº 4.052, DE 10 DE DEZEMBRO DE 2007

DODF de 11.12.2007

Dispõe sobre a denominação de logradouros, vias, próprios, monumentos públicos, núcleos urbanos e rurais, regiões administrativas e bairros, no âmbito do Distrito Federal.

O GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL, FAÇO SABER QUE A CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º Os logradouros, vias, próprios, monumentos públicos, núcleos urbanos e rurais, regiões administrativas e bairros podem receber denominação de pessoas, datas, acidentes geográficos, fatos históricos e outros reconhecidos pela sociedade do Distrito Federal.

Art. 2º Poderão ser escolhidos nomes nas seguintes categorias: I – de pessoas falecidas, desde que: a) tenham, comprovadamente, prestado relevantes serviços ao Distrito Federal; b) tenham se destacado nos diversos campos do conhecimento humano, como cultura, educação, artes, política, filantropia e outros; II – de fatos relacionados à história do Distrito Federal ou acontecimentos cívicos e culturais de relevância; III – de acidentes geográficos ou de elementos da fauna e da flora local.

Art. 3º Na denominação dos bens públicos de que trata esta Lei, não poderão ser utilizados: I – nomes em língua estrangeira, exceto quando se tratar de nomes próprios de pessoas; II – nomes diversos daqueles já consagrados tradicionalmente; III – nomes ambíguos ou que possam expor ao ridículo os moradores vizinhos ou usuários do bem público; IV – nomes já utilizados na denominação de outro logradouro, via, próprio ou monumento distrital.

Art. 4º Quando se optar pela escolha de nomes próprios para estabelecimentos de ensino, serão observadas as seguintes regras complementares: I – utilizar-se-ão, preferencialmente, nomes de educadores cuja vida tenha se vinculado à comunidade em que se localiza o estabelecimento; II – poderá ser homenageada personalidade que, não tendo sido educador, tenha desenvolvido atividades de apoio ou estímulo à educação, às artes, à cultura e à ciência.

Art. 5º A alteração do nome de logradouros, vias, próprios, monumentos públicos, núcleos urbanos e rurais, regiões administrativas e bairros ficará condicionada à realização de audiência pública prévia: I – de toda a população do Distrito Federal, quando se tratar de bem situado na área tombada; II – da população da Região Administrativa, quando se tratar de bem situado fora da área tombada.

§ 1º O ato convocatório será publicado duas vezes no Diário Oficial do Distrito Federal, com intervalo mínimo de quinze dias; no mínimo uma vez, de forma resumida, em jornal de grande circulação, com antecedência mínima de trinta dias; e nos sítios do Governo do Distrito Federal e da Câmara Legislativa do Distrito



Federal, com antecedência mínima de trinta dias até a data de realização da audiência.

§ 2º A alteração pretendida deve ser amplamente divulgada nos jornais de grande circulação, nas emissoras de rádio e televisão e em outros meios de comunicação e sua aprovação dependerá da anuência da maioria dos presentes.

Art. 6º Em nenhuma hipótese poderá ser alterado o sistema de endereçamento alfa-numérico estabelecido no Código de Obras e Edificações do Distrito Federal.

Art. 7º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 8º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 10 de dezembro de 2007.

120º da República e 48º de Brasília

JOSÉ ROBERTO ARRUDA

## APÊNDICES

**APÊNDICE A – Questionário Aplicado à Comunidade Escolar da SQS 106****HISTÓRIA A CÉU ABERTO****O estudo da história para além da sala de aula****Nome**

---

**Idade**

---

**Comunidade Escolar da Super Quadra Sul 106**

- ( ) aluno
- ( ) professor
- ( ) servidor
- ( ) comunidade

**I. Apreciação de fotos para reconhecimento**

- ( ) sim ( ) não Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek
- ( ) sim ( ) não Parque Ana Lúcia
- ( ) sim ( ) não Biblioteca Demonstrativa M<sup>a</sup> da Conceição M. Salles
- ( ) sim ( ) não Centro de Convenções Ulysses Guimarães
- ( ) sim ( ) não Ginásio de Esporte Nilson Nelson
- ( ) sim ( ) não Estádio Nacional Mané Garrincha
- ( ) sim ( ) não Espaço Cultural Renato Russo
- ( ) sim ( ) não Ponte Costa e Silva
- ( ) sim ( ) não Teatro Nacional Cláudio Santoro
- ( ) sim ( ) não Museu Nacional Honestino Guimarães

Se reconhece passar para item III.

**II. Se não reconhece.**

Mostrar a foto com nome do local e a foto da personagem.

Reconhecendo a personagem passar para item IV.

Não reconhecendo a personagem, dar breve explicação do mesmo. Passar para item V.

### III. Se reconhece, qual o nome completo?

- ( ) sabe ( ) não sabe Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek
- ( ) sabe ( ) não sabe Parque Ana Lúcia
- ( ) sabe ( ) não sabe Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição M. Salles
- ( ) sabe ( ) não sabe Centro de Convenções Ulysses Guimarães
- ( ) sabe ( ) não sabe Ginásio de Esporte Nilson Nelson
- ( ) sabe ( ) não sabe Estádio Nacional Mané Garrincha
- ( ) sabe ( ) não sabe Espaço Cultural Renato Russo
- ( ) sabe ( ) não sabe Ponte Costa e Silva
- ( ) sabe ( ) não sabe Teatro Nacional Cláudio Santoro
- ( ) sabe ( ) não sabe Museu Nacional Honestino Guimarães

A cada acerto passar para o item IV.

### IV. Sabe dizer uma informação sobre o homenageado

- ( ) sim ( ) não Dona Sarah Kubitschek
- ( ) sim ( ) não Ana Lúcia
- ( ) sim ( ) não Maria da Conceição Moreira Salles
- ( ) sim ( ) não Ulysses Guimarães
- ( ) sim ( ) não Nilson Nelson
- ( ) sim ( ) não Mané Garrincha
- ( ) sim ( ) não Renato Russo
- ( ) sim ( ) não Costa e Silva
- ( ) sim ( ) não Cláudio Santoro
- ( ) sim ( ) não Honestino Guimarães

### V. Em sua opinião o espaço público faz jus ao homenageado

- ( ) sim ( ) não Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek
- ( ) sim ( ) não Parque Ana Lúcia
- ( ) sim ( ) não Biblioteca Demonstrativa M<sup>a</sup> da Conceição Moreira Salles
- ( ) sim ( ) não Centro de Convenções Ulysses Guimarães
- ( ) sim ( ) não Ginásio de Esporte Nilson Nelson
- ( ) sim ( ) não Estádio Nacional Mané Garrincha
- ( ) sim ( ) não Espaço Cultural Renato Russo
- ( ) sim ( ) não Ponte Costa e Silva
- ( ) sim ( ) não Cláudio Santoro
- ( ) sim ( ) não Honestino Guimarães

**VI. Dos lugares apresentados com qual se identifica mais**

- ( ) Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek
- ( ) Parque Ana Lúcia
- ( ) Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles
- ( ) Centro de Convenções Ulysses Guimarães
- ( ) Ginásio de Esporte Nilson Nelson
- ( ) Estádio Nacional Mané Garrincha
- ( ) Espaço Cultural Renato Russo
- ( ) Ponte Costa e Silva
- ( ) Teatro Nacional Cláudio Santoro
- ( ) Museu Nacional Honestino Guimarães

O que mais gosta ou valoriza nesse espaço?

---

---

**VII. Colocar nomes de personalidades em espaços públicos contribui para o interesse no estudo da história?**

- ( ) sim ( ) não

**VIII. Em algum dos lugares citados foi percebida uma indicação com a biografia ou breve citação do homenageado?**

- ( ) sim ( ) não

**IX. Brasília foi projetada com indicações de localização com letras e números. A colocação de nomes de personalidades em espaços públicos contraria o projeto original?**

- ( ) sim ( ) não

**X. Se pudesse colocar nome em algum espaço, quem seria o homenageado? Por que?**

---

---

## APÊNDICE B – Seleção de Fotos para Reconhecimento





